

Robert Vannoy , Kings, Palestra 12

© 2012, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Métodos de Pregar Narrativas Históricas

Sobre a pregação de narrativas históricas

Acho que todos concordaríamos que, se tomarmos um texto narrativo histórico como sermão, deveríamos realmente fazer mais do que simplesmente recontar a história do sermão. Acho que um sermão deveria fazer mais do que simplesmente recontar, mas a questão é: como formular o “mais”? O que é mais? Certamente nosso desejo é pregar a palavra. O que quero dizer com isso é que nosso desejo seria transmitir a mensagem que Deus colocou na porção das Escrituras que estamos tratando. Não queremos que um texto se torne um pretexto para as nossas próprias ideias, teorias ou opiniões, mas queremos proclamar a palavra que Deus colocou nesse texto. Mas a questão é como faremos isso quando pregamos sobre um texto histórico.

Penso que, num sentido muito real, é muito mais difícil pregar sobre um texto histórico, dependendo de como o fazemos, do que sobre um texto didático ou outros tipos de textos. Os textos históricos tratam de pessoas e situações que estão há muito distantes no tempo e no contexto cultural da nossa situação atual. Para que todos vocês possam ouvir que a mensagem deve ser contextualizada ou traduzida para a nossa situação a partir da situação em que é descrita nas narrativas das Escrituras.

Mas a questão ainda é: como fazemos isso? Como você preenche essa lacuna histórica? Você está lidando com pessoas que viveram em épocas e circunstâncias muito diferentes das nossas. Ao longo dos séculos, vários métodos foram usados para tentar tornar relevantes esses textos antigos. Na época anterior à Reforma Protestante era comum utilizar o método alegórico. Você provavelmente está familiarizado com esse método. Mas o método realmente espiritualiza essas histórias, de modo que os fatos das narrativas realmente não têm muita importância como fatos históricos. Em vez disso, tornam-se portadores de verdades espirituais mais profundas, de modo que os fatos em si

não têm grande importância, mas as verdades espirituais que carregam são as coisas nas quais se concentram e são vistas como importantes.

Exemplo de Método Alegórico: Gênesis 24 Deixe-me ilustrar isso. Ilustrarei aqui inicialmente a partir de Gênesis 24, que não é um dos textos que estamos examinando, mas é uma narrativa histórica. Gênesis 24 é a história em que Abraão envia seu servo para encontrar uma esposa para seu filho Isaque. Se você olhar para Gênesis 24 com essa história e usar um método alegórico para determinar qual é o significado dessa história para nós hoje, esse método e os praticantes desse método disseram que Isaque é uma figura de Cristo que se casa com sua noiva, a igreja, representada por Rebeca. O servo de Abraão que assegura Rebeca para Isaque é o pregador que, ao proclamar a palavra de Deus, deve trazer os membros da igreja a Cristo. A prática diária de Rebeca de ir ao poço para tirar água significa que a igreja deve viver diariamente tirando água do poço da palavra de Deus. Os camelos que não conseguem tirar água devem receber água, lembre-se que foi isso que Rebeca fez, são aqueles que não conseguem usar a palavra de Deus, mas devem ser instruídos nela. E isso pode continuar indefinidamente. Então você pega os detalhes da história e dá a eles um significado mais elevado de algum tipo de significado espiritual, e você diz então que é isso que devemos obter ao ler essas narrativas.

Agora, acho que esse tipo de abordagem realmente tem pouco a ver com a exegese das Escrituras, isto é, ler nas Escrituras o que Deus colocou nelas para que possamos entender e do qual nos beneficiarmos. Na verdade, é o que chamamos de “eisogese”, ler essas coisas nas Escrituras. As coisas que são lidas podem ser verdades que podem ser lidas em outras partes das Escrituras, mas você está realmente colocando-as naquele texto e não deixando o texto transmitir sua própria mensagem. Então, quando você usa um método alegórico com narrativas históricas para obter significado ou significado, o que você realmente faz é fazer com que os fatos da narrativa deixem de ser importantes por si mesmos. Eles simplesmente se tornam portadores de algum significado espiritual mais

profundo ou superior, mas em si mesmos têm pouco ou nenhum significado. Então eu acho que esse é realmente um método inaceitável; não faz justiça à mensagem que Deus nos deu nestes textos das Escrituras. Pregação

exemplar versus pregação histórica redentora

Bem, qual é a alternativa para isso? Há alguns anos houve um debate na Holanda sobre esta questão entre os teólogos: sobre como lidar com as narrativas históricas na pregação. Nesse debate vocês tiveram o que foi chamado de “pregação exemplarista”, por um lado, que consiste em usar narrativas históricas para nos dar exemplos de como deveríamos viver. Pregação exemplar ou ilustrativa, por um lado, e isso foi contrastado com o que foi chamado de “pregação histórico-redentiva”. Portanto, esses dois termos representam duas outras abordagens ao tratamento das narrativas históricas na pregação. Pregação ilustrativa ou exemplarista, por um lado, e pregação histórica redentora, por outro. A pregação exemplar é a pregação em que as histórias da Bíblia são proclamadas como contendo exemplos de como hoje devemos ou não agir. E nesse tipo de abordagem você olharia para os pecados de várias personalidades do Antigo Testamento como exemplos de coisas que não deveríamos fazer. Você olharia para as coisas boas que algumas dessas pessoas no Antigo Testamento faziam como exemplos que deveríamos seguir e ser como elas. Portanto, essa pregação exemplar segue basicamente o padrão: faça como este faz e não faça como aquele.

Agora, novamente, se você voltar a Gênesis 24, quando Abraão enviou seu servo para encontrar uma esposa para Isaque, e usar esse método, o método exemplarista, você poderá encontrar várias maneiras pelas quais alguns defenderam que a passagem nos dá exemplos. Por exemplo, Abraão desejou que seu filho Isaque não se casasse com uma mulher cananéia, mas com uma mulher que conhecesse o Senhor nos dá um exemplo. Como pais hoje, devemos preocupar-nos para que os nossos filhos não se casem com incrédulos. Abraão estava preocupado que Isaque não se casasse com uma cananeia. Ele manda de volta a Harã para encontrar alguém que fosse seguidor do Senhor.

Segundo, outro elemento da história que pode servir de exemplo é que o servo orou. Depois pediu um sinal para que a menina que vem tirar água e a quem ele pediu de beber respondesse: Vou te dar de beber e também vou dar de beber aos seus camelos. E isso seria o sinal para ele de que aquela era a garota. O exemplo que devemos ver na procura de um companheiro para a vida deve ser uma questão de oração, incluindo a dos pais pelos seus filhos. É um bom princípio bíblico, não há dúvida. A questão é: é assim que recebemos a mensagem desta passagem das Escrituras?

Aqui está a terceira ilustração deste capítulo: Rebeca está pronta não apenas para dar de beber ao servo de Abraão, mas também para dar água aos camelos. Isto ensina-nos que se as nossas filhas desejam ser boas esposas e mães, não devem viver apenas para si mesmas, mas estar preparadas para se entregarem alegremente aos outros no serviço. Portanto, se você usar essa abordagem, poderá encontrar na história do casamento de Isaque várias lições sobre a prática da piedade, especialmente no que diz respeito à questão de encontrar um companheiro adequado para seus filhos. Essa é uma abordagem exemplar e ilustrativa para uma narrativa como Gênesis 24. A advertência

de Vannoy sobre a pregação

exemplar Agora, alguns têm objetado a esse tipo de pregação, a esse método de tentar encontrar sentido ou significado, e as objeções baseiam-se em diversas coisas. Entre elas está a primeira: há algo subjetivo e arbitrário nisso. O que quero dizer com isso é que a questão que o intérprete enfrenta se for usar esse método é: o que deve ser tomado como exemplo para nós e o que não é? Alguém poderia dizer com respeito a Gênesis 24 que hoje um rapaz ou moça deveria pedir um sinal do Senhor para saber se o rapaz ou moça em quem ele está pensando é ou não pretendido pelo Senhor para ser seu parceiro. Foi isso que o servo fez: pediu um sinal. Alguém poderia dizer enfaticamente que pedir tal revelação ou sinal especial agora que possuímos as Escrituras não é realmente apropriado. Recebemos revelação e orientações adequadas para nossas vidas. Não precisamos de sinais.

Mas a questão é como decidimos o que usar como exemplo para nós? Além disso, como determinamos se devemos usá-lo num sentido positivo ou negativo? O que é ser um exemplo e deve ser um exemplo que devemos seguir ou não? Isso envolve julgamentos, e esses julgamentos não surgem dos textos; você tem que trazer isso de outro lugar. Portanto, há algo subjetivo e arbitrário no método.

Em segundo lugar, este tipo de pregação tende a ser o que tem sido denominado antropocêntrico, que significa centrado no homem, o grego de *antropos*. É centrado no homem em vez de teocêntrico ou centrado em Deus. Esse tipo de pregação tende a ser antropocêntrica. O homem é o centro do foco e no lugar da pregação de Cristo torna-se fácil pregar o que fazer e o que não fazer. Muito facilmente este método cai no perigo de sermões legalistas e moralistas. Portanto, nesta abordagem você se avalia constantemente por vários personagens bíblicos – pessoas como Abraão, Jacó, Pedro, Paulo ou quem quer que seja. Eles são colocados diante de nós como exemplos que devemos seguir em suas características positivas e não em suas características negativas. A objeção a isso é que, ao pregar dessa forma, o próprio Deus pode não entrar suficientemente em foco nas suas grandes obras de revelação e redenção. É antropocêntrico em vez de teocêntrico. Você pode tratar as passagens dessa maneira e não ver nada de Deus e de seus atos poderosos para seu povo. E não é realmente Deus em seus atos poderosos intervindo na história na revelação e na redenção, não é disso que realmente tratam as narrativas da Bíblia? A história da Bíblia não é uma história de redenção de como Deus trouxe a redenção para a história humana? Então, quando você reflete sobre isso, não é tanto o que Abraão, Isaque ou qualquer outra pessoa faz, é o que Deus está fazendo que é mais importante na história bíblica. Agora é verdade que muitas vezes ele trabalha através das pessoas, mas você não quer perder de vista o fato de que é Deus quem está trabalhando. A história bíblica é uma história redentora. Assim, por essa razão, em oposição ao que tem sido chamado de pregação exemplarista, alguns têm defendido o que tem sido chamado de pregação histórica redentora.

Pregação histórica redentora A pregação histórica redentora é a pregação em que a ênfase principal recai sobre o lugar que os eventos registrados na Bíblia ocupam na história da revelação e redenção de Deus. Agora, como mencionei, nessa história que temos na Bíblia, que é uma história de redenção, encontramos o que certas pessoas fazem ou deixam de fazer. Mas há mais do que apenas o que os homens fazem, porque também somos confrontados com a obra de Deus na história e com a realização dos seus propósitos através da vida de vários indivíduos. Portanto, a história bíblica é uma história na qual os atos de Deus se tornam visíveis na história dos homens. A história bíblica é a história que aponta para os atos poderosos de Deus e a vinda de seu filho Jesus Cristo.

Acho que é essa história que deveríamos ver quando lemos o texto bíblico e essas narrativas históricas e quando pregamos sobre elas. Para que, quando lemos essas narrativas e quando pregamos sobre elas, aprendamos algo sobre quem é Deus, o que ele prometeu e o que ele fez na história.

A importância do que disse reside no facto de nesta história encontrardes a base da nossa fé. E você encontra nesta história a base para a fé de todo o povo de Deus em todas as épocas. A fé cristã é uma fé histórica. Está enraizado no que Deus fez na história. Portanto, a história é realmente mais importante como base para a fé do que como guia de conduta. Isso não significa que você não possa aprender coisas desta história no que diz respeito à maneira como devemos viver. Mas você tem que lembrar qual é o propósito fundamental da história bíblica.

Agora, voltando a Gênesis 24, a perspectiva histórica redentora em Gênesis 24 diria que, quando olhamos para essa história, devemos primeiro ver o que Deus fez e está fazendo. E deveríamos ver que Deus está cumprindo a sua promessa a Abraão e Isaque de que eles seriam os antepassados de um grande povo através do qual, em última análise, todos os povos da terra seriam abençoados. Lembre-se, essa é a promessa que Deus deu a Abraão – todas as nações da terra seriam abençoadas, e sua descendência seria contada através de Isaque. Isaque era sua semente de promessa, não Ismael. Portanto, devemos ver Deus trabalhando neste capítulo, não Abraão, o servo, nem Rebeca. Eles estão todos

envolvidos, mas devemos ver Deus trabalhando para concretizar esse casamento. Ele usa essa fé, a obediência e a vida de oração daqueles na narrativa para cumprir seu propósito. Mas Deus é o foco do capítulo. Quando lemos esse capítulo, devemos ver que Deus cumpre sua aliança. Ele é fiel à sua promessa e, ao observarmos isso, podemos ser estimulados a servi-lo também com fé e obediência.

Portanto, essa abordagem histórica redentora diria que não apenas percebemos exemplos nas narrativas históricas de como deveríamos viver ou o que deveríamos ou não deveríamos fazer, mas recebemos uma revelação do próprio Deus sobre quem ele é e como ele trabalha. O Deus que está trabalhando na época de Abraão e Isaque é o mesmo Deus que está envolvido em nossas vidas hoje. Ele é fiel hoje como era naquela época. Portanto, esse tipo de perspectiva é a perspectiva que uma abordagem histórica redentora traz ao texto. Histórico

Exemplarista e Redentor: uma Abordagem Multidimensional

Não creio que seja necessário ver quaisquer conflitos ou contradições essenciais entre essas duas abordagens. Algumas pessoas configuraram isso de uma forma que encontraram um conflito ou contradição. Ou você prega de uma maneira ou prega de outra. Ou você usa um método histórico exemplar ou redentor, e não pode combiná-los. Parece-me que não há conflito ou contradição essencial entre os dois métodos. Acho que recebemos claramente exemplos na Bíblia, mas a questão é que não devemos separar ou isolar os exemplos que extraímos de uma determinada narrativa histórica. Não deveríamos isolar isso do contexto histórico redentor no qual nos é dado. Se utilizarmos uma abordagem exclusivamente exemplarista, ela tende a retirar as narrativas do lugar e da função dos acontecimentos narrados e do movimento da história redentora. As narrativas históricas bíblicas devem ser vistas na sua relação entre si e na sua unidade dentro da história da redenção. É claro que isso encontra seu ponto focal em Cristo.

Agora, isso não significa que ninguém ou todos que pregam de maneira exemplar não considerem Cristo como o ponto central da história bíblica. A questão é que esse

método de pregação pode não tornar isso aparente. A pessoa que trabalha a partir de uma perspectiva histórica redentora não precisa negar que é possível encontrar exemplos e ilustrações na história bíblica. A pessoa que trabalha a partir de uma perspectiva histórica redentora está preocupada com as questões: Por quê? Como? E em que sentido podem ser um exemplo? Penso que só podemos responder às questões de porquê, como e em que sentido se colocarmos essa narrativa no seu contexto histórico redentor.

Relacionado a isso está o seguinte: acho que devemos sempre lembrar que as seções históricas da Bíblia não são apenas histórias. O que quero dizer com isso é que as narrativas históricas nos contam sobre coisas que realmente aconteceram historicamente. Você pode contar uma história e ela pode ou não ter acontecido. As narrativas históricas da Bíblia nos contam coisas que aconteceram. Isso significa que devem ser tratadas como história real e não como parábolas contadas simplesmente para ilustrar alguma verdade. Não há nada de errado com uma parábola. Jesus usou parábolas para ilustrar verdades. Mas as narrativas históricas do Antigo Testamento não são parábolas. As narrativas históricas do Antigo Testamento nos contam coisas que aconteceram.

Seções doutrinárias e históricas das Escrituras Isso levanta a questão da relação entre as seções doutrinárias das Escrituras e as seções históricas das Escrituras. O princípio geral é este: a história é fundamental para a doutrina. Você obtém a doutrina da justificação da expiação que se baseia no evento histórico da obra de Cristo e na sua morte na cruz e no seu sepultamento e na sua ressurreição. Essa história é fundamental para a doutrina. Se você realmente entender isso, não verá a história bíblica como meramente ilustrativa. Pode ser ilustrativo, mas é muito mais do que isso porque a história não apenas ilustra a doutrina, ela fornece a base para a doutrina. Se você considerar as seções históricas da Bíblia como meramente ilustrativas, então não importa se os eventos descritos realmente aconteceram ou não.

Driver sobre Gênesis diz isso sobre as narrativas patriarcais. Cito: “Quanto destas narrativas são verdadeiramente históricas e até que ponto se devem à fantasia e ao embelezamento popular, não podemos dizer. Mas o significado importante e real da narrativa reside nos tipos de caráter que exibem e nas lições morais e espirituais que, sejam elas estritamente históricas ou não, podem ser deduzidas disso. Os patriarcas são exemplos de fé e bondade e também, às vezes, de indignidade e fracasso moral”. Há SR Driver que realmente sente que as narrativas patriarcais têm pouco valor histórico. Ele não acha que os eventos ali descritos realmente aconteceram. Mas ele diz que eles têm valor para nós nos tipos de caráter; são exemplos de fracasso moral. Veja, para Driver, se essas histórias contam ou não algo que realmente aconteceu na história da redenção não tem importância para ele. Ele está preocupado apenas com lições religiosas e morais.

Esse é um uso

ilustrativo ou exemplar . Mas o que ele perdeu foi a perspectiva do papel e da função desses eventos na história da redenção. Para Driver, a fé realmente não está enraizada na história, mas a fé bíblica genuína está enraizada na história. Acho que nossa pregação deveria demonstrar isso, assim como a pregação de Pedro e Paulo. Se você for ao livro de Atos e olhar aqueles sermões no livro de Atos, o que eles fazem? Eles recitam ou recontam a história do período do Antigo Testamento. O que Deus estava fazendo ao chamar Abraão e ressuscitar Davi e levar ao cumprimento a promessa da vinda do Messias. Essa é a pregação histórica redentora. Precisamos ver como Deus operou de forma reveladora e redentora nos acontecimentos da Bíblia.

Então, mais uma vez, penso que a pregação sobre narrativas históricas no Antigo Testamento precisa ter essa perspectiva histórica redentora. Eu não diria isso para negar ou excluir a possibilidade de encontrar também um significado ilustrativo ou exemplar , mas penso que o contexto histórico redentor lhe dirá de que forma algo pode ser ilustrativo ou exemplar . E se você vê apenas algum significado ilustrativo ou exemplar , você perdeu uma dimensão muito importante da razão pela qual esta narrativa foi incluída nas Escrituras em primeiro lugar. Você pode ilustrar um texto doutrinário com

um exemplo de um texto narrativo, mas se você escolher um texto narrativo para um sermão, acho que deve tomá-lo em sua integridade e em seu lugar específico na história da redenção. Isso não deve ser considerado apenas como ilustrativo, mas como uma forma de contribuir para esse progresso e movimento da história redentora. Parece-me que essa perspectiva precisa ser incluída na pregação sobre textos narrativos.

Isso não é feito facilmente. Com algumas narrativas históricas isso é mais fácil de fazer do que com outras, e com algumas você se pergunta como. Como esta narrativa específica funciona neste processo contínuo de história do esvaziamento vermelho? Acho que é algo que precisa de muito trabalho e muita reflexão, mas acho que vale a pena trabalhar e pensar.

Ilustrando uma Doutrina Usando um Texto Histórico Como mencionei, o que quero fazer a partir deste ponto é voltar a essas narrativas de Elias e dar algumas ilustrações de como uma perspectiva histórica redentora pode lançar luz sobre o significado de algumas dessas narrativas de Elias. Infelizmente, nosso tempo está passando rápido demais. Você pode ilustrar um texto doutrinário com um evento específico na história da redenção ou com um texto narrativo, mas se você escolher um texto narrativo, você deve tomá-lo em sua integridade e em seu lugar específico na história da redenção – isto é, não apenas como ilustrativo. Você pode ilustrar um texto doutrinário com um texto narrativo. Você também pode ilustrar um texto doutrinário com um exemplo da história da igreja. Você pode ilustrar de praticamente qualquer lugar. Não creio que haja mais valor inerente em usar o texto bíblico como ilustração do que em usar uma ilustração de alguma outra fonte. Você pode criar todos os tipos de distorções se não mantiver esse contexto. Acho que os mesmos princípios se aplicam lá também. Para qualquer texto narrativo, parece-me, você tem os mesmos princípios em ação. É possível distinguir um texto narrativo de outros tipos de textos; você tem textos proféticos, textos poéticos, você tem provérbios, você tem textos didáticos e textos doutrinários. Quando chegamos à narrativa, parece-me que a razão pela qual há tanta narrativa na Bíblia é porque a fé bíblica está enraizada no que

aconteceu na história. E assim estes textos narrativos estão nos contando o que aconteceu na história, que é realmente a base da nossa fé.

Para Driver, essas coisas nunca aconteceram. São parábolas, contos de fadas, o que quer que seja. Portanto, a sua fé não pode estar enraizada em coisas que aconteceram na história. Qual é a sua fé, eu deixaria que ele definisse isso; Não sei. Meu palpite é que é mais um tipo existencial de identificação em algum momento com os tipos de fé que são ilustrados nessas “fábulas”. Mas não é uma fé enraizada em acontecimentos que aconteceram na história porque ele diz que estes não aconteceram.

Eu diria que quando você ouve pregações sobre textos narrativos, particularmente textos narrativos do Antigo Testamento, provavelmente em 95 por cento das vezes será algo ilustrativo/ exemplarista , e essa perspectiva mais ampla do movimento da história redentora dificilmente é tocada.

Transcrito por Rebecca Brule
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.